

Sousa, M. (1999). Samuel Maia: do prazer-sabor do vinho ao calor da literatura (seduções na obra do médico-escritor de Viseu) . *Millenium*, 16

SAMUEL MAIA: DO PRAZER-SABOR DO VINHO AO CALOR DA LITERATURA (SEDUÇÕES NA OBRA DO MÉDICO-ESCRITOR DE VISEU)

MARTIM SOUSA *

* Equiparado a Assistente do 1º Triénio da ESEV.

"Nenhum ser no nada se precipita!
Em todos o Eterno se agita..."
(J. W. Goethe, <<Testamento>>)



0. A chama fende a noite desde sempre. O gume feérico da palavra inscreve-se em eternidade e o escritor não perde o sonho, não se faz nuvem. Goethe abraça Joyce. Juntos seguem Shakespeare. Próximo, Pessoa espreita. Mas outros se agitam dignamente com lugar marcado e insubstituível. Di-lo o passo poemático em epígrafe, digo-o eu em tom assertivo. E isto tudo a propósito de Samuel Maia, médico-escritor nascido em Viseu, que, tendo conhecido outra visibilidade e uma incontestada representatividade, nomeadamente na década de vinte do nosso século, agora é obscuro domínio para o público avulso e até mesmo para os "profissionais da literatura". Contudo, nem sempre assim foi, sinal de que os modismos vão causando fluxos e refluxos do núcleo para as margens e destas para o centro. Em 1929, um artigo no parisiense <<Le Monde>> sobre os escritores mais importantes de Portugal perscreve o primado de Eugénio de Castro e de Augusto Gil, seguindo-se-lhes de imediato António Nobre, Aquilino, Samuel Maia, Lopes de Mendonça e Ferreira de Castro (FRANÇA: 129). Ou seja, o autor viseense goza então de uma incontestável centralidade.

Mas, a que vem Samuel Maia, esse vulto das nossas letras que nasceu em Ribafeita, Viseu, em 1873 ou 1874?

1. Samuel Maia, depois de se formar em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, vê inscrita a sua obra de ficcionista nos antecedentes do neo-realismo, consagrando-se mesmo, ao tempo, com o romance regionalista de sabor aquilino *Sexo Forte* (1917 ou 1919) e com a novela *Língua de Prata* (1929), obras que, no dizer de António José Saraiva e Óscar Lopes, sobrepõem as restantes.

Face a tais palavras presas de autoridade "definitiva", algo mais valerá a pena conhecer sobre esse escritor laborioso, como o dizia um João Pedro de Andrade, de nome Samuel Domingos Maia de Loureiro?

É evidente que muito interessa desvelar sobre este autor, até porque esse juízo, calhado no sabor telegráfico e generalista que uma história da literatura (ainda que conceituada) consente, omite outras derivações e outros campos percorridos pelo médico viseense, que, em termos de periodologia literária, nasceu na eficácia do realismo-naturalismo, cresceu sob o olhar do parnasianismo, do decadentismo e do simbolismo, apurou-se nos refluxos neo-românticos (vitalistas, saudosistas e lusitanistas), fez-se escritor no artemoto do 1º modernismo, viveu a plenitude no cruzar presencista, convivendo, já em decréscimo produtivo, na efusão do neo-realismo, no surto do surrealismo e na emergência do existencialismo literário de Vergílio Ferreira, que, em 1949, publicava *Mudança*, o tal livro que, segundo as palavras de Eduardo Lourenço, "abriu as portas ... para paragens cada vez mais desoladas e exaltantes".

Olhando o devir temporal e o transcurso histórico, as primícias literárias de Samuel Maia acontecem adentro do modo lírico, com o debutante *Livro da Alma* (1894), seguindo-se-lhe, alguns lustros depois e em diversa modalidade genológica, para além dos títulos acima citados: os romances *Mudança de Ares* (1915 ou 1916), *Luz Perpétua* (1923), *Dona Sem Dono* (1936 - Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências), *História Maravilhosa de Dom Sebastião, Imperador do Atlântico* (1940) e *O Diabo da Meia-Noite* (1948); a novela *Estre a Vida e a Morte* (s.d.), o livro de contos *Quem não Viu* (1944); as peças de teatro *Berenice da Judeia* (1905) e *Brás Cadunha* (1928); os livros de viagens *Por Terras Estranhas* (s.d.) e *Este Mundo e o Outro* (1937); colaboração literária dispersa em jornais e revistas como o *Século*, *Jornal de Notícias*, *Diário Popular*, *Ilustração* (onde assinou interessantes crónicas quinzenais), *Clareza* ... ; opúsculos vários de educação higiénica (*Aspectos da Questão Sexual*, *Protecção à Infância*, *Cantinas Escolares*, *Arte de Ter Saúde*, *Acção das Cantinas Escolares*, *Elogio do*

Vinho (Prémio do Office International du Vin, 1932, e conferência proferida em Viseu na sede da Associação Comercial e Industrial); e, por último, manuais de medicina doméstica (Higiene Prática, A Digestão, Regime Alimentar (2 vols.), Culinária Higiénica, Tratamento da Prisão de Ventre, Consultório (2 vols.), Manual de Medicina Doméstica , O Meu Menino (1925) e o Vinho (Propriedades e aplicações). E certamente que não pudemos ser exaustivos, face a uma actividade de tal forma prolixa, que facilmente consente um esquecimento ou uma exclusão.

2. Enfrentemos, primeiramente, parte do tema que aqui nos trouxe - <<o saber-sabor do vinho em Samuel Maia >>, pegando no último livro citado, que o opúsculo premiado, esse, logo diz tudo, no título catafórico que não esconde tratar-se de um elogio do vinho.

O livro O Vinho (Propriedades e Aplicações), com trinta mil exemplares vendidos na década de trinta, é duplamente interessante: primeiro, porque, para qualquer efeito, é criação de um viseense; e, por último, porque se trata de um trabalho saído da pena de um médico que resume comunicações e pareceres aprovados nos últimos congressos médicos dessa época, não sendo uma artística ode ao vinho proveniente da ressaca de um qualquer paraíso artificial - e que me perdoem os poetas, de que tanto gosto, mas, não obstante o Pro Archia de Cícero, cedo aprendi que os poetas não precisam de ser defendidos!



Iniciando a sua obra por repudiar a guerra lançada sobre o alimento mais antigo do homem mediterrânico, Samuel Maia mergulha nessa crise da bromatologia emocional para dela emergir com uma asserção inconfutável e, pensamos, racional: "O vinho é bom, no bom momento, em boa conta." Tudo o que depois se ouvir dessa escrita enleante, já o sei, é um caminho por sobre o fogo, com luta de asserções e interrogações.

Fixado esse motivema funcional, o médico de Viseu escreve terem-se:

I. referido, no Congresso de Beziers de 1934, experiências com êxito em vários campos: profilaxia do alcoolismo pelo vinho, benefício do vinho na alimentação infantil, a enoterapia (com aplicação a doenças dos aparelhos circulatório, digestivo, respiratório, urinário; a doenças infecciosas, do fígado - para a insuficiência hepática, v.g. , 1 decilitro de Bordeaux tinto -, avitaminoses, doenças de origem hídrica e operados), profilaxia das colibaciloses, da febre tifóide e da tuberculose pulmonar;

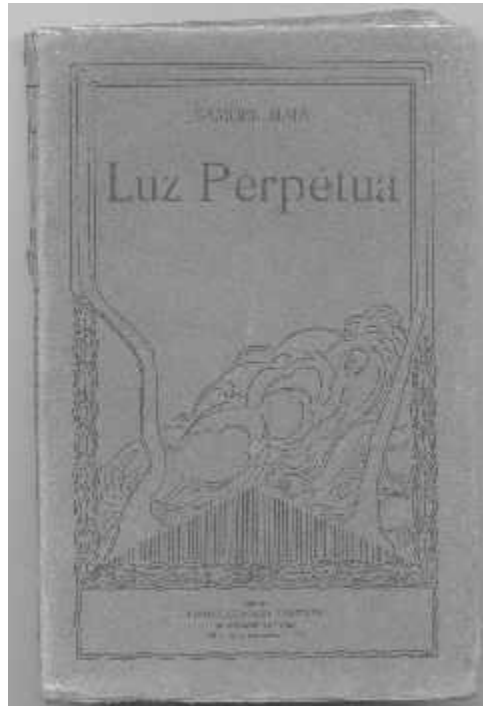
II. exalçado, no Congresso de Lausanne, os efeitos benéficos na diabetes (Dão e Torres), na taxa glicémica, na psiquiatria, nas sezões e na pielite colibacilar.

<<Resumidor>>, traidor! - pensarão todos, no rasto do que Eco disse relativamente ao tradutor. É certo. Mas um livro não se ensina, lê-se. Fica aí esta porta para as duzentas páginas, desactualizadas aqui e ali, deste Vinho caldeado no fogo do tempo. Um Júlio Dantas, referindo-se ao nosso médico, disse-o detentor de uma prosa forte, vascular, saborosa e admirável. Tudo isso eu encontrei neste livro sobre o vinho que um Shakespeare, centro do cânone da literatura ocidental, cultuou no seu irmão <<Madeira>>.

Seja o homem feliz na contenção que julgar a sua, respeitando o outro na contenção que julga desmedida... Mas, se um de nós extravasar a taça, considere-se ainda e sempre que o conceito de contenção se alterou tão-só nesse dia. E que todos estávamos dentro, olhando as alegrias dos saberes-sabores que do fundo do tempo irromperam nesse casual derrame do sumo fermentado da uva.

3. Agora, o calor da literatura. Um sopro antigo, de um neo-realismo ante litteram. E assim, como esquecermos, em capítulo subordinado à tópica erótica na literatura portuguesa, aquela figura de padre de Samuel Maia, presente em *Sexo Forte*, obsessionada pelos prazeres do corpo, que só encontra refrigério na mutilação?! Ou então, ao reflectirmos sobre o Volksgeist literário, como menosprezar o pitoresco regional dos seus quadros vivos com as nossas gentes e o nosso povo?! Como não lembrar a actuação criadora do escritor-médico de Viseu na apropriação do mito sebástico?! Ou, por último, como

não conhecer aquele vezo castiço, fantástico e vernacular das suas obras?! Provas para tal que as colha cada um na leitura que de Samuel Maia fizer. Ainda assim, que o leitor avance por *Sexo Forte* e pelos apelos do amor, que avance pelos sulcos de terra de *Quem não viu* , que sonhe com a aparição da *História Maravilhosa de Dom Sebastião* e, por fim, que mergulhe na portugalidade de *Luz Perpétua*. Disse muito, disse pouco? A literatura não se ensina, lê-se. Leiamos então.



4. É o tempo do fim. Este é um texto sincero, de consciência, sem ambição ou desejo de aplauso, confiando eu, por isso, que o tomem por bem. Afinal, tudo isto deriva do simples intento de conversar ou meditar sobre os destinos do vinho e da literatura, tema sedutor, aliás, para propor a gente escolhida. E, pensando bem, esta homenagem a Samuel Maia é um tributo extensivo a Alexander Pushkin, a Johann Wolfgang von Goethe ou ao Visconde de Almeida Garrett. Como o é, afinal, a António Botto, a Mário Beirão, a Manuel António Pina, a José Tolentino de Mendonça e a cada artista que faz da sua casa o coração da escrita. Porque "em todos o Eterno se agita"...

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, João Pedro de, "**Maia** de Loureiro, **Samuel DOMINGOS**" in COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura (Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária)* , 2º vol., Porto, Figueirinhas, 31985, p. 596-C.

----- , "Psicologismo na Literatura Portuguesa", *Ibid.* , 3º vol., p. 876-B.

COELHO, Jacinto do Prado, "Amor nas Literaturas Galega e Portuguesa" in COELHO, Jacinto do Prado (dir.), Dicionário de Literatura (Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária) , 1º vol., Porto, Figueirinhas, 31985, p. 49-B.

----- , "Folclore na Literatura Portuguesa", Ibid. , 2º vol., p. 344-B.

----- , "Sebastião (Dom) e o Sebastianismo, Ibid. , 4º vol., p. 1012-C.

FRANÇA, José-Augusto, Os Anos Vinte em Portugal. Estudos de factos sócio-culturais. Lisboa, Editorial Presença, 1992, pp. 95, 129 e 137.

LISBOA, Eugénio (coord.), Dicionário Cronológico de Autores Portugueses , vol. III, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1994, p. 154.

PIRES, Daniel, Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940) , Lisboa, Grifo, 1996, p. 108.

SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar, História da Literatura Portuguesa , Porto, Porto Editora, Limitada. 10ª ed., 1978, pp. 1065, 1124 e 1208.

SIMÕES, João Gaspar, Perspectiva Histórica da Ficção Portuguesa (das origens ao século XX) , Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987, p. 714.